

O DISCURSO DO BOLSONARO SOBRE A COVID 19 INSERIDO NO MERCADO DA ECONOMIA DE TROCAS LINGUÍSTICAS PROPOSTO POR PIERRE BOURDIEU

THE BOLSONARO'S DISCOURSE ON COVID 19 IN THE MARKET FOR THE ECONOMY OF LANGUAGE EXCHANGE PROPOSED BY PIERRE BOURDIEU

Marinho Celestino de Souza Filho¹

**Autoridades Incompetentes
Novo Millennium: Capital Inicial**

Vou denunciar autoridades incompetentes
Eu vou denunciar autoridades incompetentes
Eu quero antes te dizer
Ninguém sabe o que pode te acontecer
Eu quero antes te dizer
Ninguém sabe o que pode te acontecer
Vou denunciar autoridades incompetentes
Eu vou denunciar autoridades incompetentes
Ameaça aos privilégios
Você será detido encostado na parede
É a ordem no progresso
Um jogo imoral
Que não mede consequências

Autoridades incompetentes
Acham que vocês não passam de fantoches
Bonecos para brincar
Bonecos para brincar
Autoridades incompetentes
Sabem que vocês estão em fila
A fila não incomoda
A fila não incomoda
A fila não incomoda

1

Fonte: Disponível em: www.vagalume.com.br . Acesso em 31 de outubro de 2021.

RESUMO: Este estudo procura apresentar a análise de alguns discursos proferidos por Jair Messias Bolsonaro, atual presidente da república, acerca da Covid 19, sob uma perspectiva da análise do discurso proposta por Bourdieu (1998).

Palavras-chave: Bourdieu (1998). Covid 19. Discurso. Bolsonaro.

ABSTRACT: This study seeks to present the analysis of some discourses given by Jair Messias Bolsonaro, current president of the republic, about Covid 19, from a perspective of the discourse analysis proposed by Bourdieu (1998).

Keywords: Discourse analysis proposed by Bourdieu (1998). Covid 19. Discourse. Jair Messias Bolsonaro.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Rondônia – Campus Ariquemes pelo Programa Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC). Mestre em Linguística pela UNIR – Universidade Federal de Rondônia – Campus Guajará- Mirim. Autor dos livros publicados: Sobre as Teorias de Chomsky: brevíssimo comentário e Linguagem, Educação e Discurso: relações/implicações.

1 INTRODUÇÃO

Pretendo, nesse breve ensaio, mostrar como o poder do simbólico se comporta, alicerça-se, engendra-se no que tange à linguagem relativa ao Discurso do Bolsonaro sobre a Covid 19.

Almejo, ainda, elencar as redes de relações que são tecidas por meio do Discurso do Bolsonaro acerca da Covid 19, constituindo-se, assim, não um, mas vários discursos que engendram não uma, mas, várias linguagens, ou seja, mostrar as relações metafóricas e pragmáticas engendradas por esse discurso e o poder do simbólico (os ditos e não-ditos) depreendidos a partir dessas relações.

Assim, para realizar o objetivo anteriormente mencionado, adotarei os seguintes critérios para a construção dessa pesquisa:

1. Farei uma breve exposição sobre a Covid 19 e as principais vacinas aprovadas pela ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária para combater essa pandemia.
 2. Descreverei detalhadamente os dois critérios científicos propostos por Saussure (1995) para um estudo sério, profundo de uma língua: Diacronia e Sincronia.
 3. Apontarei três das muitas concepções de linguagem criadas no transcorrer da História da humanidade.
 4. Adotarei uma dessas concepções que mais se aproxima da teoria do mercado de trocas linguísticas proposta por Bourdieu (1998).
 5. À luz da teoria do mercado de trocas linguísticas de Bourdieu (1998), explicitarei dez dos discursos acerca da Covid 19 pronunciados por Bolsonaro.
 6. Por fim, apresentarei as considerações finais acerca desse estudo.
- Após breve exposição sobre os critérios adotados para a construção desse estudo, feita na Introdução, a seguir, tratarei da origem dos sintomas da Covid 19 e, das principais vacinas aprovadas pela ANVISA contra essa enfermidade.

2 Breve Histórico da Covid 19 e Principais Vacinas Aprovadas pela Anvisa

Acredita-se que o novo coronavírus que provoca a Covid 19, surge na China em 2019, mais especificamente, em Wuhan e o início da infecção parece oriunda do contato dos animais com as pessoas, já que os vírus da espécie “coronavírus” atingem, especialmente, animais, pois, existem aproximadamente 40 tipos de variantes desse vírus propagados em animais e, somente 7 tipos em seres humanos.

Além disso, sabe-se ainda que os primeiros casos da Covid 19, manifestados em seres humanos, foram constatados num grupo de consumidores que faziam compras no mercado popular de Wuhan, porque, lá, vendiam-se grande variedade de animais

silvestres, tais como: cobras, morcegos, castores, pangolins etc, os quais poderiam estar contaminados, e, por conseguinte, transmitido o “coronavírus” para as pessoas.

Assim, após o surgimento dos primeiros casos da Covid 19, também percebeu-se que mesmo as outras pessoas as quais não haviam frequentado o mercado Whuan, apresentavam os mesmos sintomas daquelas que frequentaram esse mercado.

Nesse processo, a única hipótese plausível para a propagação do vírus era a seguinte: o vírus teria se modificado, adaptando-se às condições climáticas locais e, *a posteriori*, contaminado os seres humanos, provavelmente, pela aspiração de pequenas gotas de saliva ou de secreções provenientes do ato de respirar que permaneciam flutuando na atmosfera, depois que a pessoa contaminada tossisse ou espirrasse.

Isto posto, no próximo subitem, trataremos de alguns sintomas da Covid 19, mas também, mostraremos como esses sintomas se assemelham com a gripe

2.1 Alguns Sintomas da Covid 19

Crê-se que o nova corona vírus pode provocar enfermidades que vão desde uma trivial gripe, até a uma pneumonia grave, por isso, são apontados, até o presente momento sete tipos distintos de coronavírus, porém, o único que provoca a Covid 19 é o SARS-Cov 2.

3

Nessa perspectiva, os sintomas da COVID 19 são similares à de uma simples gripe, quais sejam:

Dor de cabeça.

Dor muscular estensa.

Cansaço em excesso.

Nariz entupido e coriza.

Tosse persistente.

Dor acentuada.

Pressão constante sobre o peito.

Febre superior a 38 graus centígrados.

Complicações decorrentes do aparelho respiratório: respiração arquejante ou fatigante.

Lábios com coloração extremamente azulada.

Dor persistente na garganta.

Mediante o exposto, no subitem seguinte, trataremos de algumas das vacinas mais utilizadas no combate à COVID 19 no Brasil.

2.2 Algumas Vacinas mais utilizadas no combate à Covid 19

De acordo com nossas leituras, dentre as várias vacinas que existem para combater a Covid 19, até o momento, as mais utilizadas no Brasil são:

Corona Vac: essa vacina apresenta o vírus da Covid 19 inerte, “morto”, por isso, quando adentra no organismo, portanto, o organismo produz uma resposta imunológica. É o jeito mais simples de produzir vacinas.

Astra Zeneca: essa vacina possui em seu bojo um vírus enfraquecido, mas não é o Coronavírus e, sim o adenovírus retirado de uma espécie específica de chimpanzés, apesar disso, o adenovírus é inofensivo, ou seja, não causa danos aos seres humanos, embora haja alguns efeitos colaterais, tais como: dor de cabeça, febre, calafrios e até dores por todo o corpo.

Pfizer: dentre todas as vacinas contra a Covid 19, essa é a mais moderna, pois, não se utiliza vírus em sua constituição, mas sim o RNA mensageiro, esse RNA transmite uma mensagem às células que passam a fabricar defesa contra a Covid 19.

Janssen: essa vacina é aplicada em dose única, utilizando-se também de um adenovírus, porém, diferentemente, da Astra Zeneca, que utiliza um adenovírus oriundo de uma espécie específica de chimpanzés, a Janssen serve-se de um adenovírus, espécie de vírus responsável pela disseminação da gripe comum nos seres humanos. Esse adenovírus é modificado geneticamente, por isso, não se replica nem se multiplica, prestando-se, assim, para gerar defesa no organismo contra a Covid 19.

Após essa breve exposição sobre algumas das principais vacinas que combatem a Covid 19, pois, o objetivo principal desse ensaio não é aprofundar essa questão, mas sim, analisar alguns dos discursos proferidos pelo Bolsonaro acerca da enfermidade acima citada, por isso, abaixo, veremos algo sobre a diacronia e sincronia, já que esses critérios são essenciais para o estudo científico de uma língua.

3 Critérios científicos para o estudo de uma língua: sincronia e diacronia

Antes de iniciar o estudo profundo de uma língua, de acordo com Ferrarezi e Souza Filho (2011), torna-se necessário estipular critérios técnicos e científicos, que determinem os parâmetros de estudo e definam um método a ser seguido, de forma que os resultados do

estudo feito possam ser comparados a resultados de estudos de outras línguas realizados nos mesmos moldes.

Dessa forma, um dos primeiros linguistas a definir parâmetros de estudo bem claros para as línguas naturais foi Ferdinand de Saussure, famoso linguista franco-suíço, considerado o pai da ciência que estuda a linguagem humana, a Linguística.

Saussure (1995) deixou claro que os estudos linguísticos poderiam ser realizados em duas perspectivas distintas, a saber, a diacrônica e a sincrônica, que Ramanzini (1990, p. 30) considera como dois tipos de Linguísticas, assim conceituadas: “[...] a Linguística sincrônica (do grego *sin* = conjunto, *simultaneidade*+ *chronos* = tempo), também chamada de estática ou descritiva, e a Linguística diacrônica (do grego *dia* = através + *chronos* = tempo), também chamada de evolutiva ou histórica”.

De acordo com essa citação, vemos que a Linguística Sincrônica faz um recorte na linguagem para estudá-la em uma determinada época. Já a Linguística Diacrônica é o estudo da linguagem durante o transcorrer do tempo, isto é, a perspectiva diacrônica determina um estudo histórico da linguagem no transcorrer de distintas épocas, visando à descrição da evolução linguística.

Nesse sentido, Ferrarezi e Souza Filho (2011) afirmam que essas duas perspectivas existiam antes de Saussure (1995), mas não sistematizadas como ele as apresentou a seus alunos. Hoje, elas definem os programas de estudos dos cientistas da linguagem, marcados em dois grandes “truncos de pesquisa”: a sincrônica e a diacrônica.

Sendo assim, torna-se necessário escolher uma dessas perspectivas, pois, entre outras coisas, essa escolha influenciará a escolha do método a ser adotado.

Nesse aspecto, ainda de acordo com Ferrarezi e Souza Filho (2011), a pergunta que cabe aqui é: a escola deve optar por qual perspectiva de estudo? Cremos que seja a perspectiva sincrônica, que permite ao estudante da educação básica enxergar sua própria linguagem no cotidiano escolar. A perspectiva diacrônica apareceria raramente a título de incremento cultural do aluno sobre sua própria língua.

Sobre isso, Kehdi (2000, p.7) afirma: “Não julguemos, todavia que a utilização de uma ou de outra postura seja uma mera questão de escolha; sincronia e diacronia podem contrapor-se quanto a métodos e resultados.” Se o resultado desejado pela escola é a boa comunicação hoje, como português brasileiro moderno, a sincronia parece ser a perspectiva

mais adequada. Em se tratando de sincronia e diacronia, Kehdi, (2000, p.9) ainda afirma que:

De um ponto de vista metodológico, é aconselhável, portanto, que se separem as duas posições. Acreditamos que o conhecimento dos mecanismos de funcionamento de um idioma no seu “aqui e agora” deve anteceder as explicações de caráter histórico, indiscutivelmente necessárias e esclarecedoras, mas que devem ser invocadas num segundo momento.

Assim, pensamos que se torna muito mais vantajoso estudar os fatos linguísticos na escola, considerando-os sob o prisma de uma visão sincrônica, principalmente no que se refere aos estudos gramaticais da Língua Portuguesa, pois, conforme argumentamos, a sincronia não é só meramente uma questão de escolha de método, mas, sim, ela apresenta muito mais vantagens para o estudo de nossa língua.

Mediante o exposto, no item, a seguir, trataremos sobre três das várias concepções de linguagem criadas no transcorrer do tempo as quais nos auxiliarão é compreender muito melhor a teoria de análise do discurso proposta por Bourdieu (1988).

4 Concepções de Linguagem

Ainda que existam várias concepções de linguagem criadas no transcorrer da História da humanidade, tratarei apenas de três que serão de suma relevância para o desdobramento desse ensaio.

Assim, de acordo com Kock (1997, p. 9), há três concepções de linguagem que merecem destaque, são elas:

“[...] como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento;

como instrumento(‘ferramenta’) de comunicação;

como forma (‘lugar’) de ação ou interação;[...]”

Dentre as três concepções acima mencionadas, a que mais me interessa para este trabalho é a terceira, apesar de não só a primeira, como também a segunda serem muito defendidas atualmente. Por isso, centrará o nosso trabalho naquela concepção de linguagem, ainda assim comentaremos as três.

Nesse sentido, a primeira afirma que a linguagem seria exclusivamente para representar o mundo, isto é, a realidade que nos cerca e aquilo que pensamos sobre ela, ou seja,

seria uma espécie de “espelho” pelo qual perpassam nossos pensamentos e os seres vivos, ou não, os quais nos rodeiam.

Já a segunda seria uma linguagem centrada apenas na comunicação. A linguagem funcionaria tão somente para transmitir mensagens, pressupondo, assim, um emissor e um receptor perfeitos, ideais, todavia, basta uma análise da realidade (ainda que superficial) para percebermos que nem a linguagem, nem o processo de comunicação são tão simples assim como quer a teoria da comunicação.

A terceira concepção, que a meu ver é a mais interessante, a linguagem seria fruto de uma interação entre enunciador/enunciatório, falante/ouvinte, autor/leitor etc. Prestando-se não só como representação do pensamento, mas também como processo de comunicação, uma peça fundamental para a interação entre os seres humanos e, nesse caso, a linguagem estaria intrinsecamente ligada ao contexto sócio-histórico-ideológico do qual participa.

Logo, para um estudo mais sério, profundo, profícuo e produtivo de nossa língua materna, deve-se embasar o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa considerando as três concepções de linguagem citadas anteriormente, aproveitando, dessa forma, o que cada uma dessas concepções tem de relevante; isto é, no caso da primeira concepção: a linguagem como expressão do pensamento, deve-se ensinar aos discentes a organizarem melhor e com mais lógica, exatidão e clareza seus pensamentos e, em se tratando da segunda, a linguagem como “ferramenta”, “instrumento” de comunicação, podemos ensinar aos nossos alunos a se comunicarem melhor e adequadamente em todas as situações de interação social por que passem.

Desse modo, também estaríamos fazendo uso da terceira concepção de linguagem, ou seja, a linguagem como forma, lugar de ação/interação social entre os indivíduos, isto é, utilizando ao mesmo tempo e de maneira adequada as três concepções de linguagem, estaremos propiciando um ensino mais produtivo, profícuo e adequado de nossa língua materna. E qual a relação dessas três concepções de teoria do mercado de trocas linguísticas propalada por Bourdieu?

A relação dar-se-á, por meio, da terceira concepção de linguagem, uma vez que para a teoria acima mencionada, o indivíduo age, reage e interage por meio da linguagem,

cria e recria a própria linguagem, não consoantnd com o seu bel prazer, mas sim, de acordo com regras previamente estabelecidas pelo mercado de economia de trocas linguísticas que regula a linguagem de acordo com regras implícitas /explícitas a esse mercado que influencia o sujeito a dizer de certa maneira e não de outra a qual não pode entrar em contradição com o que recomenda o mercado, a saber, as pessoas não só consideram a comunicação, a expressão do pensamento, mas também consideram o lugar de onde estão falando, as imagens que os interlocutores têm de si, dos outros e ainda o mercado de trocas linguísticas, por isso, no item seguinte, deslindarei a questão da teoria do mercado de trocas linguísticas proposta por Bourdieu (1998).

3 Teoria do Mercado de Trocas Linguísticas Criada por Bordieu

Nesse ensaio, pretendo abordar o discurso do Bolsonaro sob a perspectiva da teoria do mercado de trocas linguísticas formulada por Bourdieu (1998), contudo, antes, de executar tão complexo estudo, mostrarei no item seguinte o conceito do termo discurso.

4 Conceito de Discurso

Esse termo pode assumir várias acepções, dependendo do contexto em que está inserido, já que existem de acordo com Orlandi (1983) vários tipos de discursos: religioso, pedagógico, científico, político etc.

Apesar da complexidade que envolve a palavra discurso, tentarei conceituar de forma adequada esse termo.

Por isso, o critério que adoto é o seguinte: primeiramente, procuro o sentido dessa palavra em sua origem, ou seja, sua etimologia, dessa maneira, de acordo com Houaiss (2001, p. 1054) discurso seria “[...] 3. *Série de enunciados que expressam a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas com um certo assunto, meio ou grupo <d. psicanalítico> <d. alternativo>[...]*”.

Logo, de acordo com o autor acima assinalado, o discurso seria um conjunto de enunciados linguísticos utilizados pelas pessoas, mostrando, assim, como elas agem, reagem e pensam.

Nessa perspectiva, o conceito de discurso anteriormente mencionado, torna-se relevante para esse trabalho, uma vez que pretendo, justamente, analisar dez dos discursos realizados por Bolsonaro sobre a Covid 19.

Por isso, além da definição de discurso anteriormente elencada, interessa-me muito ainda o conceito de discurso apontado pela escola europeia de análise do discurso, doravante identificada por mim pela sigla A.D.

Para a A.D., em conformidade com Brandão (1988, p. 11), o discurso seria a própria linguagem, ou melhor, estaria intrinsecamente ligado, relacionado, enviesado, enfim, atravessado pela linguagem, pois: a autora, anteriormente mencionada, assevera que:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte do pensamento: a linguagem enquanto discurso é interação, e um modelo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o “sistema-suporte das representações ideológicas (...) é o ‘medium’ social em que articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais.

Assim, ainda de acordo com Brandão (1988, p. 11), estudar a linguagem é apresentar a relação entre o homem e sua própria realidade, sua própria História, sua posição social, seu vínculo com a ideologia, pois:

[...] Como elemento de mediação necessária entre o homem e a sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produção. Esse será o enfoque a ser assumido por uma nova tendência linguística que irrompe na década de sessenta: a análise do discurso.

Nessa citação, Brandão (1998, p. 11) nos mostra que estudar o discurso, seria estudar a própria linguagem, esta inserida num contexto sócio-histórico-ideológico. Isto é, a linguagem estaria imanentemente ligada à História do sujeito, locutor/interlocutor, inseridos em certa comunidade linguística; dentro de certo grupo social; afetado, influenciado e atravessado pela ideologia, ou melhor, o discurso não seria de acordo com Brandão (1988) algo inocente, sem intenção e tensões previamente estabelecidas,

Assim, falar seria uma verdadeira luta, cujo cenário se mostra como uma autêntica arena de gladiadores lutando entre si para garantirem (nesse mundo cada vez mais

competitivo, globalizado, capitalista em que uma das teorias de Darwin, a Seleção Natural, é levada ao extremo) a sobrevivência.

Isto posto, no item seguinte, apresento o modelo filosófico de Bourdieu (1988) sobre a teoria do mercado de trocas linguísticas.

5 Modelo Filosófico de Bourdieu (1998)

De acordo com Bordieu (1998), o discurso está inserido num mercado linguístico que determina o que pode e o que deve ser dito, nesse sentido, seriam, justamente, as trocas linguísticas realizadas neste mercado que determinam o que pode e deve ser dito e, essas trocas linguísticas poderiam ou não obter lucros, ou seja, sucesso no que se diz ou não, aqui, entra a questão dos não ditos, mas, isto depende do discurso de cada sujeito, nesse sentido, relacionando a teoria de Bourdieu (1998) com a Análise do Discurso – A.D, notam-se que as relações linguísticas para a A.D. são conhecidas como relações discursivas e ainda na A.D. o que Bourdieu (1998) chama de mercado linguístico, a A.D., de acordo com Brandão (1998), chama de Formação Discursiva.

Assim, em conformidade com Bordieu (1998) as relações do poder simbólico realizam-se no interior do chamado mercado linguístico e a questão do lucro ou do prejuízo, isto é, a questão de sermos bem sucedidos ou não, no que tange ao que se diz e, até ao que não se diz dizendo, depende da relação de interação entre locutor, interlocutor, enunciação, sociedade, História e ideologia, porque para a A.D de acordo com Orlandi (2001) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, esta relação torna-se claramente explícita em Bourdieu (1998, p, 23-24), quando assevera que: “[...] não se deve esquecer que as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre locutores ou seus respectivos grupos.”

Em vista disso, quaisquer que sejam os discursos, os locutores e os interlocutores no que tange ao que é dito, ou ao que se diz, esses sujeitos não dizem nada de maneira inocente, sem intenções previamente estabelecidas, porque, conforme nossas leituras no que se refere à linguagem e ao discurso, percebemos que além da ideologia, da História, do sujeito, da enunciação, da sociedade e dos interlocutores, o mercado linguístico também

determina não só o que pode e o que deve ser dito, mas também, o sentido do discurso, consoante nos mostra Bourdieu (1998, p. 24-25):

“[...] Há também o fato de que o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado; além do fato de que os esquemas de interpretação que os receptores põem em ação em sua apropriação criativa do produto proposto, podem ser mais ou menos distanciados daqueles que orientaram a produção”.

Por meio desses efeitos inevitáveis o mercado contribui para formar, não só o valor simbólico, mas também o sentido.

Dessa citação, posso inferir que o produto linguístico só se efetiva de fato, quando se torna mensagem e, se for realmente uma mensagem, o produto linguístico tem que ser decodificado, por isso, nesse processo de comunicação, os receptores devem se apropriar de forma criativa desse produto, gerando esquemas de interpretação, sendo criativos e, a consequência imediata do mercado linguístico, além de gerar, formar o valor simbólico, ainda contribui de forma direta para formação do sentido.

Nesse sentido, o mercado linguístico não só contribui com o aspecto simbólico dos enunciados, mas também, auxilia para a construção do sentido.

Assim, depois de tratar da filosofia proposta por Bourdieu (1998), anteriormente mencionada, a teoria da economia de trocas linguísticas, mostrarei adiante dez dos discursos do Bolsonaro realizados sobre a Covid 19 analisados á luz da filosofia anteriormente apontada.

Tentarei ainda elencar o poder simbólico que atravessa os dez discursos do Bolsonaro, ou seja, esse poder seria o poder dos enunciados linguísticos expressos por meio de símbolos (linguagem) que está intimamente ligado com as relações de dominação, a saber: dominantes “*versus*” dominados, opressores “*versus*” oprimidos, tudo isso por meio da manifestação, expressão da linguagem inserida num determinado mercado linguístico, e, esse mercado linguístico influenciará sobremaneira as relações sociais de poder, onde os dominantes utilizar-se-ão do poder simbólico (linguagem) oriunda da classe dominante, ou melhor, a língua dita “padrão ou culta”, apesar de o discurso do Bolsonaro, geralmente, não ter alguma relação com a língua dita “padrão ou culta, mesmo que ele represente a classe dominante”.

Já quanto aos dominados, oprimidos, o que os dominantes, opressores esperam deles é justamente o uso de uma linguagem (símbolos) “dita popular ou coloquial”, ou seja, os que dominam acham que os dominantes, oprimidos estarão quase sempre subservientes às suas ordens, normas e poderes, sejam eles expressos por meio da linguagem (símbolos) ou por bens materiais produzidos pelos dominados, oprimidos, porém, esses bens ficam disponíveis quase sempre para os dominantes, opressores, apesar de que quem os produz são os dominados, oprimidos.

Nesse sentido, a linguagem ou poder simbólico dos dominados, oprimidos expressos no mercado linguístico propalado por Bourdieu (1998), sempre estará em confronto com as expressões ou o poder simbólico utilizado pelos dominantes.

Além disso, a relação de poder do simbólico é clara: domina, oprime, manda quem se expressa por meio do poder simbólico (linguagem) dita “padrão ou culta” e é abastado, dono dos meios de produção, embora saibamos que no caso do discurso do Bolsonaro há exceção, uma vez que nem ele domina de fato a norma dita “padrão”.

Já quanto aos dominados e oprimidos, resta, ainda que, muitas vezes, inclusive, de forma inconsciente; obedecer, por isso, esses sujeitos (dominados, oprimidos) para não serem mais explorados, mais dominados, aceitam a linguagem simbólica dos opressores, que, nesse caso específico, é a linguagem propalada por Bolsonaro, especialmente, no que tange ao discurso da Covid 19, conforme, ver-se-á a seguir.

Nesse sentido, verificarei também como as relações entre as condições sociais de reprodução antecipadas e as condições sociais de produção podem afetar o mercado linguístico e, conseqüentemente, o discurso, por isso, ouçamos novamente de Bourdieu (1998, p. 64) o que tem a nos dizer sobre estas relações: “[...] as condições de recepção antecipadas fazem parte das condições de produção, e a antecipação das sanções do mercado contribui para determinar a produção do discurso.” Ou seja, é o mercado linguístico que determina o que pode e deve ser dito dentro de certas condições de recepção e de produção discursivas, em consequência, essas condições gerarão sanções negativas ou positivas.

Positivas se o sujeito “respeitar o mercado linguístico”, isto é, dizer somente o que pode e deve ser dito, negativas se o sujeito “desrespeitar o mercado linguístico”, ou seja, é

exatamente “esse desrespeito ao mercado linguístico” que notaremos nos dez dos discursos proferidos pelo Bolsonaro acerca da Covid 19.

8 Análise dos dez dos discursos produzidos pelo Bolsonaro sobre a Covid 19

Diante do que fora asseverado anteriormente, resta-me, agora, analisar dez dos discursos feitos pelo Bolsonaro sobre a Covid 19, os quais se constituem em linguagem simbólica, metafórica, codificada e utilizada pelo presidente, observando como essa linguagem manifesta-se, o que se diz e até o que não se diz dizendo, de acordo com a Filosofia proposta por Bourdieu (1998), acerca da teoria do mercado de trocas linguísticas.

Assim, por meio desse estudo, pretende-se analisar somente dez dos discursos proferidos pelo Bolsonaro no ano de 2020, a respeito da Covid 19, separados pelo meio midiático conhecido por Poder 360 em ordem cronológica, são eles:

- 20 de março – “Gripezinha” – 904 casos acumulados e 11 mortes

Desse discurso, de acordo com a teoria proposta por Bourdieu (1998), a economia de trocas linguísticas, infere-se que “Gripezinha” poderia se relacionar semanticamente com: “Não é uma doencinha dessa que vai me derrubar”, porque, em conformidade com o Poder 360, foi exatamente isso que Bolsonaro afirmou, relacionando com a suposta facada que teria sido vítima em 2018.

Nesse sentido, apesar dos 904 casos acumulados e das onze mortes provocados pela Covid 19, em 20 de março de 2018, o presidente não deu importância alguma a essa virose que já matou, atualmente, quase 700 mil pessoas.

- 26 de março – “Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada” – 2.915 casos acumulados e 77 mortes

Nesse dia, Bolsonaro afirma que (mais uma vez considerando a teoria do mercado de trocas linguísticas), “Brasileiro é semelhante ao rato, pois, joga-se no esgoto e, nada lhe acontece”.

Ora, nesse discurso, depois de 8 dias de contaminação em que se aumenta significativamente o número de casos e mortes pela Covid 19, o chefe do Palácio do Planalto assegura categoricamente que o brasileiro está acima de qualquer outro ser humano, é como se o brasileiro fosse uma espécie de super-homem, superior aos cidadãos

de qualquer nação, sendo digno de estudo científico, inclusive pela NASA (esse fato fica evidenciado pelos não-ditos os quais atravessam alguns discursos do chefe do planalto) pois, essa Instituição dedica-se ao estudo de seres especiais e, nesse caso, o brasileiro, por isso, de acordo com esse discurso analisado, o sujeito brasileiro é digno de estudos profundos, profícuos, sérios, científicos, pois, ele está acima e, é supostamente superior a todos outros sujeitos desse planeta, esse fato se configura em pura falácia dita pelo homem do cercadinho.

➤ 20 de abril: “Eu não sou coveiro” – 40.616 casos acumulados e 2.584 mortes: de acordo com o site Poder 360: “o presidente Jair Bolsonaro se negou a responder a pergunta de um jornalista sobre a quantidade mortos por covid-19 no Brasil”: “Eu não sou coveiro”, afirmou.

Nesse contexto, semanticamente falando, podemos reformular esse discurso da seguinte forma: “Eu não trabalho no cemitério, não enterro as pessoas”, nesse sentido, o mandatário brasileiro mais uma vez polemiza e desdenha a questão da Covid 19, pronunciando-se de forma autoritária e sarcástica, sem alguma consideração pelos 40.616 casos registrados e 2.584 mortes de cidadãos brasileiros provocadas pela Covid 19, talvez, essa seja uma das afirmações mais irônicas, tacanhas, insensíveis e vis que o líder da nação brasileira tenha pronunciado.

➤ 28 de abril: “E daí, quer que eu faça o quê?” – 72.149 casos acumulados e 5.050 mortes: segundo o site Poder 360: “afirmativa feita por Bolsonaro sobre o recorde de mortes por Covid 19 da época: 5.050, o número total de óbitos provocados pela doença naquele mês”.

No dia anteriormente mencionado, dia 28 de abril, o Presidente, mesmo frente aos 72.149 casos acumulados pela Covid 19 e, diante de 5050 óbitos causados por essa mesma doença, assegura que não tem nada a ver com o problema da Covid 19, e, é justamente esse fato que será demonstrado, a seguir, por meio da paráfrase realizada sobre o discurso anteriormente apontado: “E daí, o que eu tenho a ver com isso?” “Não posso fazer nada”.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que subjaz a esse discurso outro discurso, é como se o presidente asseverasse, diante da dura realidade outrora mencionada, o seguinte: “O quê eu tenho a ver com isso?”, nesse contexto, o homem do cercadinho de certa forma tenta se isentar da tragédia provocada pela Covid 19, contrariando, assim, o que propõe Bourdieu (1998) em sua filosofia sobre a teoria do mercado de trocas linguísticas,

desrespeita a principal proposta dessa teoria, ou seja, o que pode e deve ser dito nesse mercado linguístico, porque, Bolsonaro, de acordo com esse mercado, jamais deveria ter feito tal assertiva, pois, não só nesse dia: 28 de abril de 2020, como também nos demais que o precederam e nos que o sucederam, tal assertiva não teve e nem teria cabimento, uma vez que já contávamos com 72.149 casos acumulados pela Covid 19 e, 5050 mortes.

➤ 19 de maio – “Cloroquina” e “Tubaína” – 271.628 casos acumulados e 17.971 mortes: segundo informações do site Poder 360: “o presidente da República concedeu entrevista ao jornalista e blogueiro Magno Martins. Fez 1 trocadilho ao aconselhar que as pessoas identificadas com a direita usem a cloroquina, enquanto os de esquerda devem” “tomar tubaína”.

Na data acima mencionada, o mandatário brasileiro afirmou que os indivíduos da direita tomariam cloroquina e os da esquerda tubaína, ou seja, é como se ele dissesse para que os sujeitos da direita tomassem Ivermectina e os da esquerda guaraná Antarctica, seria uma paráfrase próxima ao discurso do Bolsonaro proferido acerca da Covid 19 no dia 19 de maio de 2020, ou melhor, nesse enunciado, o chefe da nação brasileira já prescrevia o tratamento precoce: Cloroquina + Ivermectina, substâncias que supostamente combateriam a Covid 19, tratamento esse indicado somente aos sujeitos da direita, quanto aos da esquerda, receitaria certo tipo de refrigerante, ou seja, novamente, o presidente desdenha os brasileiros, faz pouco caso da epidemia, que naquele fatídico dia 19 de maio de 2020, já tinha matado 17.971 brasileiros.

Por isso, além de desdenhar e ironizar o fato acima elencado, Jair Messias Bolsonaro (“que, diga-se de passagem, de “MESSIAS”, não tem nada”) prescreve o tratamento precoce que não tem base científica alguma, sem embasamento teórico e científico, cometendo, dessa maneira, um dos maiores pecados capitais que já cometeu frente à tragédia anteriormente apresentada: 19.971 mortes e 271.628 casos acumulados pela Covid 19.

➤ 2 de junho – “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo” – 555.383 casos acumulados e 31.199 mortes: Segundo o Poder 360: “Bolsonaro disse essa frase após uma apoiadora pedir uma palavra de conforto para as famílias em luto.”

Parece brincadeira, amigos leitores, no dia 2 de junho de 2020, após uma apoiadora solicitar uma palavra de carinho, de conforto, depois de mais de 500 mil casos acumulados pela Covid 19 e 31.199 mortes, o presidente afirma que é lamentável essa situação, contudo,

ele disse lamentar, mas também afirma que todo mundo morre. Ou seja, que conforto é esse, caros leitores, na verdade, esse discurso soa mais como uma ironia do que um conforto, dessa maneira, o presidente, mais uma vez, mostra que é insensível frente à pandemia que mata e, mata, nesse caso específico, mata muitos brasileiros, sem ao menos lhes garantir um enterro adequado, digno, pois, em detrimento dessa virose, os indivíduos nem velados podem ser, já que o caixão é selado e, não pode ser aberto, porquanto, se o fosse contaminaria as pessoas presentes nessa cerimônia.

➤ 7 de julho: “É como uma chuva, vai atingir você” – 1.668.589 casos acumulados e 66.741 mortes: nesse dia, de acordo com o site Poder 360: “Bolsonaro disse, durante entrevista que revelou ter testado positivo para covid-19, que uma grande parte da população será atingida pelo coronavírus. Ele afirmou que o vírus é como” “uma chuva”.

Desse discurso, do dia 7 de julho de 2020, podemos inferir que “ o vírus é uma brisa e, vai atingir cada brasileiro exposto a ela”, ou seja, é uma metáfora e paráfrase aproximadas ao discurso do mandatário brasileiro proferido no dia 7 de julho de 2020, quando tínhamos 1.668.589 casos acumulados e 66.741 mortes, sinceramente, Bolsonaro, ao pronunciar o discurso, na data anteriormente mencionada, parece não ser desse planeta, ou não tem humanidade alguma, falta-lhe caráter, sentimento e, principalmente, amor ao próximo, já que se considera uma pessoa cristã, triste realidade, trágica, eu diria.

➤ 10 de novembro – “País de maricas” – 5.700.044 casos acumulados e 162.829 mortes: ainda de acordo com o Poder 360: “o presidente Jair Bolsonaro disse que o Brasil tem que deixar de ser 1 país de “maricas” – termo pejorativo para se referir a homossexuais”.

De acordo com esse discurso, podemos deduzir, por meio das relações sintagmáticas, pragmáticas, discursivas e semânticas inseridas no bojo da teoria do mercado de trocas linguísticas, que: “País de medíocres, fracos.” o chefe do planalto não só se referia a todos os brasileiros, como também, especialmente, a classe dos homossexuais, depois de 5.700.044 casos acumulados e 162.829 mortes no dia 10 de novembro de 2020, desse modo, além de deixar explícito o seu ódio, o seu preconceito contra os homossexuais, o presidente ainda não se importa com a trágica situação provocada pela Covid 19, não se importando de forma alguma com a vida e, nesse caso específico, com a vida humana.

➤ 17 de dezembro – “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso” – 7.110.434 casos acumulados e 184.827 mortes: nessa situação em consonância com o Poder

360: “o presidente voltou a afirmar que é contrário à vacinação obrigatória contra covid-19 e se referiu à vacina da Pfizer. Disse que o contrato da farmacêutica é claro na parte em que a empresa não se responsabiliza por possíveis efeitos colaterais causados pelo imunizante”.

Assim, no dia 17 de dezembro de 2020, o líder de nossa nação ratifica que quem tomar a vacina pode se tornar, parafrasticamente e, metaforicamente falando: um crocodilo, ou seja, um animal irracional o qual só irá reagir por meio de instintos de preservação e procriação, desvirtuando todo o conhecimento científico acerca da vacina contra a Covid 19, percebe-se no discurso desse dia, mais uma vez, que Bolsonaro nega a Ciência e ainda não tem noção alguma do ridículo do que disse, isto é, o dono do cercadinho manifesta novamente frente às descobertas científicas e a Ciência o seu total negacionismo e ignorância não valorizando os cientistas e nem a vacina que de fato combate a Covid 19 sem mirabolismo, pois, o tratamento precoce recomendado pelo líder do planalto, de acordo com a Ciência não funciona para combater um vírus dessa magnitude.

Nesse sentido, mesmo após 7.110.434 casos acumulados e 184.827 mortes o líder da nação brasileira despreza o tratamento correto da doença provocada pela Covid 19,

17

➤ 5 de janeiro – “O Brasil está quebrado. Eu não consigo fazer nada” – 7.810.400 casos acumulados e 197.777 mortes: conforme as informações do Poder 360: esse site nos revela que no “1º dia de trabalho do presidente em Brasília, depois do recesso de 8 dias na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Bolsonaro afirmou que o Brasil está “quebrado” e que “não consegue fazer nada”. Também afirmou que o vírus foi “potencializado pela mídia que nós temos, pela mídia sem caráter que nós temos”, afirmou a apoiadores em frente ao Palácio da Alvorada.

De acordo com o discurso do Bolsonaro no dia 5 de janeiro de 2020, revelado pelo Poder 360, “O Brasil está falido e, ele não pode fazer absolutamente nada”, contudo, depois do primeiro dia do início do trabalho do chefe da nação brasileira, ele tira oito dias de licença e, gasta, aproximadamente, duzentos mil reais por dia na baixada santista do cartão corporativo pago com recursos oriundos dos impostos pagos pelo povo brasileiro, o dono do cercadinho de Brasília ainda tem a ousadia de afirmar que o nosso país está falido, “e se

não tivesse?”. Pensem bem o que ele teria feito com o dinheiro público, se o país, como o presidente mesmo assevera “não estivesse falido”, ou seja, nota-se cada vez mais o pouco caso, o desprezo com os quais Bolsonaro trata o brasileiro, não se importando com a vida e, nessa situação, com a vida humana, isto é, com a vida de milhões de brasileiros, que, inclusive, muitos deles o apoiaram em 2018 para ser presidente da república federativa do Brasil.

➤ Dia 22 de janeiro (esse é o décimo discurso por nós analisado sobre a Covid 19, proferido pelo chefe do planalto brasileiro, isto é, o último, consoante, a proposta de análise que fizemos no transcorrer desse estudo), de acordo com o Poder 360, Bolsonaro afirma: “*Não está comprovada cientificamente*”, sobre a Coronavac com 8.753.920 casos acumulados e 215.243 mortes: contudo, os testes clínicos realizados no Brasil provam o contrário, o imunizante funciona e, funciona perfeitamente, por isso, mais uma vez o dono do cercadinho de Brasília mente e, mente feio, já que foi comprovado cientificamente que a Coronavac consegue imunizar os seres humanos.

Nesse sentido, esperamos ter provado o total descaso, despreparo, desinteresse do chefe da nação brasileira frente à trágica pandemia que mata sem precedentes, tornando-se, talvez, o maior mal desse século, por isso, passemos abaixo às considerações finais acerca desse trabalho, embasados na filosofia da linguagem proposta por Bourdieu (1998), onde retomaremos de forma sintética o que foi dito, e até o que não foi, sobre os dez dos discursos realizados por Bolsonaro, a despeito da Covid 19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, vislumbramos que dos dez discursos proferidos pelo Bolsonaro analisados nesse estudo, acerca da Covid 19, considerando o viés filosófico do mercado de trocas linguísticas proposto por Bourdieu (1998), todos têm em comum algumas características: o presidente desconhece totalmente essa teoria, desprezando o mercado das trocas linguísticas, o poder simbólico que o atravessa, pois, nunca levou a sério as consequências oriundas do seu discurso proferido sobre a Covid 19 e o potencial dessa doença, brincava, ironizava, zombava dessa enfermidade e das pessoas que a tinham contraído, ainda que o número de contaminados e de mortes crescesse assustadoramente,

contudo, o dono do cercadinho esperava a tal da imunização do rebanho, ou seja, por ser negacionista, não acreditar na Ciência, Jair Messias Bolsonaro (pelo menos por enquanto), cria que depois de muitos brasileiros serem contaminados, criariam de certo modo imunidade ao vírus.

Todavia, o que se presencia no Brasil é o oposto: cada vez mais contaminação e aumento de casos relativos à pandemia e, hoje, tragicamente, mais de seiscentas mil pessoas perderam a vida, mas também há ainda milhões de brasileiros contaminados.

Nesse sentido, observamos que o negacionismo, característica preponderante presente no presidente da república federativa do Brasil, trouxe desgraça, dor, tragédia e, principalmente, morte de mais de seiscentos mil brasileiros, por isso, o capitão cloroquina (como ficou conhecido o Bolsonaro) deve ser responsabilizado criminalmente pelas mortes ocorridas no Brasil e, ainda pelas que ocorrem, Bolsonaro deve ser, impreterivelmente, condenado por genocídio.

Além disso, o chefe da nação brasileira deve ser também condenado por censura, porque, os sujeitos que são contra o seu governo são censurados, como se não bastasse isso, toda a imprensa brasileira que noticia os fatos referentes à atrocidade do presidente, também tem sido censurada, por isso, escolhemos para a epígrafe desse estudo, a canção-poética do Capital Inicial: “Autoridades Incompetentes”, pois, além da incompetência total demonstrada pelo chefe do Itamarati para administrar a nossa nação, percebemos a censura, a perseguição, o cerceamento impostos sobre as pessoas que são contra o seu desgoverno, ou seja, o líder do planalto quer que nos calemos, contudo, não devemos nunca nos calar, especialmente, porque a nossa liberdade de expressão, de ir e vir está totalmente ameaçada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2 ed. Tradução de EVANGELISTA, V.J.; CASTRO, M.L.V.de. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução brasileira de Problèmes de linguistique générale II, 1974. Campinas: Pontes, 1989.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- COSERIU, Eugenio. **Semántica Estructural y Semántica Cognitiva**. In: MIRANDA, L.; ORELLANA, A. ed. **Actas Del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas**. Peru: Universidad Ricardo Palma, 1998.
- FERRAREZI JR., Celso. **Livres Pensares**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- FERRAREZI JR., Celso e TELES, Iara Maria. **Gramática do Brasileiro**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- FERRAREZI, Junior Celso; SOUZA FILHO, Marinho Celestino de. **Alfabetização e Linguagem: a vida na escola**. *Revista Gestão Universitária*. Edição 319, julho de 2011.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GUIRALD, Pierre. **A Semântica**. Tradução de MASCARENHAS, M. E. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- ILARI, R.; GERALDI J. W. **Semântica**. 10 ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1999.
- INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. 6ed. São Paulo, Ática, 2000.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. **A Inter-ação pela linguagem**. 3 ed. São Paulo, Contexto, 1997.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1977.

- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução de ENDERLE, R.; SCHNEIDER, N.; MARTORANO, L. C. São Paulo: Boitempo, 2007.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. São Paulo: Ática, 1995.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**. Vozes: Rio de Janeiro, 1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PARTEE, Bárbara H. **The development of formal Semantics in Linguistic Theory**. 1997. In: SHALOM, L.; FOX, C. ed. **The Handbook of Contemporary Semantic Theory**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.
- PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PERINI, Mário Alberto. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Ática, 1997.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1996
- POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (Não) Ensinar Gramática na Escola**. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- PROPP, Vladímir. **Morphology of the folktale**. Bloomington: Indiana University Press, 1958
- RAMANZINI, Haroldo. **Introdução à Linguística Moderna**. São Paulo, Ícone, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo, Cultrix, 1995.
- SILVA, D. E. G. DA.; VIEIRA, J.A. (org.). **Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Plano, 2002.